

FOLIA DE REIS

Comunidades responsáveis por uma nova organização social

LUIZ GUSTAVO MENDEL SOUZA*

Este presente artigo pretende salientar a importância de enxergar as formações de comunidades dentro dos festejos populares: neste caso, a folia de Reis, tendo como ponto de partida os grupos de reisados de São Gonçalo da segunda metade do século XX.

A produção deste estudo microssômico de um dos municípios da região metropolitana do Estado do Rio de Janeiro possibilitaria também a compreensão de como festejos rurais coexistiriam com ambiente urbano, além de estudar a existência de identidades de migrantes das regiões: serrana, noroeste e norte do Estado, e até mesmo do Estado do Espírito Santo. Que seriam responsáveis pelas modificações do cotidiano do município de São Gonçalo através dos festejos destes migrantes, geradores de comunidades. Tais ações culturais teriam dado uma nova organização social ao município em meados do século XX, com mais de 12 folias de Reis, mas que atualmente praticam são apenas três grupos de foliões.

Para estudar a Folia de Reis, primeiramente, seria necessário um pequeno resumo de sua história. Para alguns estudiosos do tema, ela começa com o primeiro relato da aparição dos personagens principais nas passagens bíblicas que abordam o nascimento de Jesus Cristo, os chamados *evangelhos da infância de Jesus*, registrado por Mateus e por Lucas. Na realidade quem irá abordar a aparição de tais personagens será o livro de Mateus onde relata magos vindos do oriente, mas o texto bíblico não menciona quantos eram, nem mesmo os seus nomes. Mas a quantidade dos magos será relacionada à quantidade dos presentes oferecidos ao menino Jesus – ouro, mirra e incenso. As tradições ocidentais irão se calcar em três reis: Gaspar, Baltazar e Belchior¹.

Outra perspectiva do surgimento destes personagens se daria por uma investigação de onde se encontram os restos mortais destes reis, que, atualmente se,

* Mestrando da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ-FFP) no Programa de Pós-Graduação em História Social

¹ PESSOA, Jadir de Moraes. *Mestres da Caixa e da Viola*. Apresentado no Grupo de Trabalho 06 Educação Popular durante a 26ª Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd), em Poços de Caldas (MG), de 5 a 8 de outubro de 2003.

localizam na catedral de Colônia, Alemanha. Nela estariam desde 1164, e teriam sido levados para lá como despojos de guerra da conquista de Frederico Barbarrocha sobre Milão. Continuando uma busca de como os restos mortais teriam chegado a Milão, estudiosos acreditam que teria sido um presente da imperatriz Helena de Constantinopla, durante o século IV ou V. Anterior a esta origem estão apenas questionamentos².

Por onde passaram os restos mortais destes reis magos foram deixando em vários países catacumbas, pinturas, alto-relevos, esculturas, retábulos, em sarcófagos que mostravam a visita dos reis magos ao menino Jesus. Surgiram, a partir de então, muitos cânticos populares que retratavam partes das grandes peregrinações, que se tornaram muito importantes em toda a Europa medieval, chamados *Noëls* na França, *Villancicos* na Espanha e *Folia* em Portugal³.

Neste último caso, o termo folia apareceria no século XVI no *Auto da Sibila Cassandra*, de Gil Vicente, que também denominava uma dança viva ao som de pandeiro e canto, representando os próprios reis que vão adorar o menino Jesus. Este texto tem a sua origem ligada ao drama sacro encenado nas igrejas no Natal, durante a Idade Média, que com o passar do tempo vão se libertando da música litúrgica e do latim. Também é importante ressaltar na ênfase dada ao *Officium Steallae*, que seria o anúncio aos Reis, a viagem seguindo a estrela, o encontro com Herodes, a adoração ao menino, a entrega dos presentes, o sonho revelador e a volta por outro caminho, que seria o motivo da matança dos inocentes⁴.

A passagem desses textos para as realizações das folias como música e o drama será feita pelos jesuítas para a catequese. No século XVI, padres como Manoel da Nóbrega e José de Anchieta utilizavam das folias nas procissões e nos autos. Tais costumes foram empregados nas colônias portuguesas, principalmente após a consolidação destas. Os ritos utilizados nas catequese foram se disseminando entre os índios, colonos portugueses, negros e mestiços. Essa combinação de procissão seguida

² *Idem.*

³ *Idem.*

⁴ RIOS, Sebastião. *Os cantos da Festa do Reinado de Nossa Senhora do Rosário e da Folia de Reis*. Sociedade e Cultura, v. 9, n. 1, jan./jun. 2006. pp. 65-76

de folia é notória nas festividades tradicionais católicas, como Folia de Reis, Folia do Divino, Folia de São Sebastião, demonstrando a forte característica de devoção⁵.

Este é um tema que tem sido estudado pelos folcloristas que limitam sua análise a uma perspectiva de sobrevivência, o que ofusca a possibilidade de trabalhar as folias sob um aspecto de um texto ritual inserido em um contexto social⁶. Esta é uma análise feita por Thompson em seu artigo sobre *Folclore, Antropologia e História Social*, nela se encontra a importância de analisar textos folclóricos para compreensão da vida social, que estaria permeada por muitos rituais coletados pelos folcloristas. Este autor também relata a necessidade de trabalhar estes rituais folclóricos como fontes, não se limitando a analisá-las como simples “sobrevivências”. Pois estes ritos estariam inseridos em um contexto social, mostrando a sua relevância como fonte. Podendo assim, estudar os fenômenos que mudam as estruturas das organizações sociais por estas fontes folclóricas.

Esse terreno já foi palco de debates acirrados sobre o objeto folclore, travados entre os anos 50 e 60 para a comprovação da cientificidade do folclore como matéria acadêmica. Uma síntese destes conflitos entre os folcloristas e os cientistas sociais no artigo de Maria Laura Viveiros de Castro Cavalcanti e Luís Rodolfo da Paixão Vilhena: *TRAÇANDO FRONTEIRAS*⁷. Dentro deste quadro complexo uma figura de destaque trará diálogos intermináveis contra essa pretensão científica requisitada pelos folcloristas, seria o sociólogo Florestan Fernandes. Em seus artigos, não combatia o folclore nem os folcloristas, mas: “... *uma certa concepção que tomava a prática do folclore como ‘científica’*”. (VILHENA, 1990, p. 82.). A base destes embates entre Florestan e os folcloristas estava na forma particular de estudar o objeto e não o folclore em si.

O objetivo deste trabalho não é apontar se há ou não cientificidade desta manifestação religiosa, mas sim tratá-la como objeto de pesquisa, aplicando nela os aparatos teóricos metodológicos que possibilitem enxergar ritos africanizados dentro da

⁵ RIOS, *opus cit.*, p 66-67

⁶ Ver THOMPSON, E. P. “Folclore, antropologia e história social”. In: As peculiaridades dos ingleses e outros artigos. Campinas: Editora da Unicamp, 2001, p. 238

⁷ Ver VILHENA, Luís Rodolfo e CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. 1990. “*Traçando fronteiras: Florestan Fernandes e a marginalização do folclore*”. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 3, n. 5. p. 75- 92

realização da folia de Reis. Mas, para tal, é necessário de uma interação com outras ciências sociais para compreender esta manifestação, pois para entender o social como um todo é necessário que haja um diálogo com as demais ciências humanas⁸. E será esta interação que possibilitará um estudo dos ritos e de suas memórias, através de modelos criados pela antropologia e sociologia que permite enxergar os vestígios das memórias dos foliões, presente nos discursos dos mestres e validá-los. Pois estes vestígios se mostram como mitos, herança de uma longa duração destas memórias, passados oralmente entre os foliões. Estes quadros mentais ligados a estas tradições orais só seriam possíveis no meio cultural, se mostrando assim, um meio de permanências ou sobrevivências no meio cultural⁹. E para estudar tais quadros mentais, seria necessária a utilização de hipóteses criadas pela antropologia. . Braudel afirma toda essa importância de levar em consideração os quadros mentais, pois os: “... *quadros mentais também são prisões de longa duração (...). As mesmas permanências ou sobrevivências no imenso domínio cultural*”. (1992; p. 50).

Fugindo um pouco deste debate, que não é o ponto principal, pode-se perceber que existe muito mais que uma perspectiva simplista de sobrevivência nas realizações das folias de Reis. Estas trazem consigo todo um aparato religioso que está embebido de significados que podem possibilitar a unidade na identidade dos grupos que as realiza¹⁰.

Este trabalho seria um estudo microscópico de um dos municípios da região metropolitana do Estado do Rio de Janeiro, não se limitando a uma versão atenuada, ou parcial, ou mutilada, das realidades microssociais, mas sim, uma versão diferente¹¹. Possibilitando a compreensão de como festejos rurais coexistiriam com ambiente urbano. A representatividade deste caso se daria pela existência de doze folias que teriam existido no período da segunda metade do século XX nesta cidade.

⁸ BRAUDEL, Fernand. “História e Ciências Sociais. A longa duração”. In: *Escritos sobre a História*. 2ª. ed. São Paulo: Perspectiva, 1992.

⁹ BRAUDEL, *opus cit.* p. 50

¹⁰ Mary Karash realiza um estudo dos significados nas festas de reis do Congo que nos possibilitam uma nova perspectiva no caso da Folia de Reis. Onde a realização destes ritos religiosos seria uma forma de promover unidade e identidade africana, que continuariam a responder e adaptar velhas tradições a novas circunstâncias. Ver KARASH, Mary. *Quem é o rei do Congo?* In: HEYWOOD, Linda. (Org.) *Diáspora Negra no Brasil*. São Paulo: Editora Contexto, 2008. p.191

¹¹ Ver: REVEL, Jacques. "Microanálise e construção do social". In: Jacques Revel (org.). *Jogos de escalas: a experienciada microanálise*. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 1998, p. 28.

Aqui, exploraremos a primeira e a segunda¹² entrevista feita com o José Antônio da Silva, mais conhecido como mestre Fumaça¹³, e algumas entrevistas dadas pelos integrantes da folia antes da jornada do dia 2 de janeiro de 2011.

Entender a existência dessas manifestações culturais no século XX é tentar compreender os fatores que as proporcionam: como a própria identidade entre os foliões. Essa identidade se tornaria clara se analisarmos a origem dos integrantes mais antigos da Folia de reis Nova Flor do Oriente, cujo mestre é o José Antônio da Silva – Mestre Fumaça. Essa folia se mantém com a participação das filhas e netas do mestre, os integrantes mais antigos seriam o senhor Lombardino Viana de 84 anos, Nélio dos Santos Bilac de 60 anos, Geraldo da Silva com 54 anos, Niraldo Martins de 70 anos e por fim o integrante mais novo da folia de Reis o senhor Jorge Soares Maximo de 51 anos.

Fora a família do mestre que é “nascida e criada no município de São Gonçalo”, e o caso do senhor Jorge Máximo, natural do Espírito Santo, todos os demais integrantes são migrantes internos, como é o caso do mestre Fumaça, que nasceu em Trajano de Moraes e que saiu fugido da sua cidade natal para “tentar a vida no circo” e que organizou e sai com a sua folia, e diz: “... há 28 anos e nunca tive problema não. Há 28 anos que eu saio e nunca tive problema não” e que pratica o reisado desde os sete anos, mas: “primeiro foi como folião na folia dos outros, aí aos 14 anos passei a sair de palhaço, na folia de um, na folia de outro do me sogro”.

O senhor Lombardino Viana também é nascido em Trajano de Moraes e veio para a cidade de Niterói em 1957, ele era “contramestre da folia de Reis do senhor Trajano na Engenhoca (bairro de Niterói)”. Já o senhor Nélio dos Santos Bilac teria nascido no município de Cardoso Moreira e este diz que “veio para cá com uns 22 anos”. O senhor Geraldo da Silva, vindo da cidade de Campos dos Goytacazes, o senhor Niraldo Martins veio de São Fidélis e o senhor Jorge Soares Máximo é “capixaba de Cachoeira de Guapimirim”, mas que teria “vindo de lá com sete anos”.

Além destes foliões, na segunda entrevista com o mestre Fumaça, ele relatou sobre a existência de mais folias além das encontradas no catálogo do INEPAC¹⁴. Foi

12 Primeira entrevista gravada no dia 07/04/2010 as 19:30 hs, a segunda foi gravada dia 04/06/2010 as 19:50 hs.

13 Pelo fato de José Antônio da Silva gostar de se referirem a ele pela alcunha, vamos tratá-lo pelo nome de mestre Fumaça.

nesta entrevista que podemos citar mais um exemplo de migração interna no estado do Rio de Janeiro:

-Manoel Gabriel? Conheceu?

-Conheci... esse Dinho que o você escreveu ai, esse Dinho mais o Dutra ai, é assim quer dizer era uma família, eram parentes. Esse Manel Gabriel era o mestre da jornada, esse Dinho mais o Dutra era... eles montaram né, eles montaram né, uma jornada, e o responsável era esse Manel Gabriel, ele era o mestre. E veio passando de família, que na verdade era o primo dele, depois foi outro primo, ele era palhaço esse Manel Gabriel, ai depois que eles morreram ele passou a ser mestre.

-Ele era da onde? Esse Manel Gabriel?

-De Santo Antônio de Pádua, os pais deles trouxe ele pra aqui...

Todos eles têm em comum o fato de serem migrantes e exercerem o seu papel de foliões desse folguedo tradicional do estado do Rio de Janeiro. Isso nos mostra a necessidade de criarmos uma sensibilidade para o fator do espaço geográfico, sendo importante trabalharmos com teóricos da área de geografia, pois para tal, é necessário de uma interação com outras ciências sociais para compreender esta manifestação. Para entender o social como um todo é necessário que haja um diálogo com as demais ciências humanas¹⁵.

Um dos teóricos a ser trabalhado seria Milton Santos que traz uma nova perspectiva ao estudo da geografia e que começa a tratar o reconhecimento do espaço não mais como uma região e sim como uma área, interagindo com as demais ciências para: "... formular um sistema de conceitos (jamais um conceito!) que dê conta do todo e das partes em sua interação" (SANTOS, 1996, p. 63). A interação com as demais ciências se torna compreensível no momento em que notamos que, para Milton Santos, o homem desempenha o papel de agente do espaço. E são com essas ações do homem que se dão a alteração do espaço, pois: "A ação é o próprio homem. Só o homem tem a ação, porque só ele tem objetivo, finalidade" (SANTOS, 1996, p. 67).

David Harvey se aproxima de Milton Santos ao relatar que:

"A história da mudança social é em parte apreendida pela história das concepções de espaço e tempo, bem como dos usos ideológicos que podem ser dados essas concepções, Além disso, todo projeto de transformação da sociedade deve apreender a complexa estrutura das transformação das concepções e práticas espaciais e temporais" (HARVEY, 2004, p. 201)

¹⁴ Instituto Estadual do Patrimônio Artístico Cultural.

¹⁵ BRAUDEL, Fernand. "História e Ciências Sociais. A longa duração". In: *Escritos sobre a História*. 2ª. ed. São Paulo: Perspectiva, 1992.

E a presença destes foliões que são migrantes: da Região Serrana (município de Trajano de Moraes); Região Norte Fluminense (municípios de: Cardoso Moreira, Campo dos Goytacazes, São Fidelis); Região Noroeste Fluminense (município de Santo Antônio de Pádua) e até mesmo do estado do Espírito Santo constroem e reconstróem o cotidiano da sociedade através de suas ações, neste caso, a realização da folia de Reis.

Como foi escrito anteriormente, o estudo do caso específico das folias de Reis em São Gonçalo se faz necessário devido à relevância que estes festejos tiveram no município durante o século XX, se tornando uma das festas tradicionais da cidade. Prova disso é a existência da Associação de Irmandade dos Reis de São Gonçalo, fundada em 14 de maio de 1991, no bairro Almerinda, que torna a pesquisa muito mais viável para a busca do tema¹⁶. Atualmente, três mestres realizam as folias, são eles: Mestre Waldecy Marcelino, do bairro Almerinda; Mestre Geraldo Borges Pinheiro, do bairro Rio do Ouro; José Antônio da Silva o Mestre Fumaça, do bairro do Mutuá.

A realização destes festejos em uma data específica foi capaz de mudar o cotidiano de alguns dos bairros de São Gonçalo, a prova desta afirmação estaria na elaboração da prova de seleção do magistério de 2007 realizada pela Fundação Ceperj (Fundação Centro Estadual de Estatísticas, Pesquisas e Formação de Servidores Públicos do Rio de Janeiro) prova de docente I:

18. Uma das mais expressivas manifestações da cultura popular de São Gonçalo é também uma das mais antigas festas do catolicismo. Trata-se de:

- A) Auto de Natal
- B) Folia de Reis
- C) Cortejo de Nossa Senhora do Rosário
- D) Círio de Nazaré
- E) Procissão de São Pedro

Isso sem mencionar a produção de reportagens que trazem a tona esta realidade da cidade, no dia 25 de setembro de 2006 saiu uma reportagem em O Globo de Luís Alvarenga sobre a realização dessas festas no município de São Gonçalo. Nela o autor descreve como foi a sua experiência ao seguir estes festejos e fotografá-los e o encanto que foi em descobrir este universo. Em um trecho sobre a folia do mestre Fumaça o jornalista relata que: “... além de todos os instrumentos e fardas da festa – acontece bem

¹⁶ Associação da Irmandade dos Reis de São Gonçalo. Sede: rua São João Colodino, 166 – São Gonçalo – RJ. Endereço da AMABA (Associação de Moradores do bairro Almerinda) Rua Cristiano Otoni, 423 - Bairro Almerinda São Gonçalo

mais do que uma mera representação religiosa. O terreiro é palco, na verdade, de uma celebração à vida, à fé e à tradição” (O Globo, 2006). Com esta citação podemos ver o recurso do apelo a tradição utilizada pelo jornalista. Um recurso muito comum, mas que mostra que a manifestação cultural destes reiseros em um período no ano fazem com que a sua celebração, seus ritos tenham esse caráter cíclico, repetitivo, que monta as possibilidades da invenção das tradições (Hobsbawn, 1997). Dando a eles os aparatos constituintes para a formação da sua comunidade.

Como podemos ver a realização destes festejos comumente rurais foram capazes de refazer os movimentos da sociedade urbana remodelando o espaço geográfico e suas organizações através de um movimento cultural que foi sendo reconhecido pela cidade e atribuindo uma nova identidade ao município, dando um novo conteúdo para a sociedade, Milton Santos relata:

“Os movimentos da sociedade, atribuindo novas funções às formas geográficas, transformam a organizações do espaço, criam novas situações de equilíbrio e ao mesmo tempo novos pontos de partida para um novo movimento social, as formas – tornadas assim forma-conteúdo – podem participar de uma dialética com a própria sociedade e assim fazer parte da própria evolução do espaço” (SANTOS, 1996, p. 86)

Dessa forma podemos entender que se focarmos no espaço geográfico como resultado de uma conjugação de sistemas de objetos, nesse caso, sistemas de ações podemos nos permitir transitar do “passado ao futuro, mediante a consideração do presente” (SANTOS, 1996, p. 81). As ações que causam as modificações teriam seus reflexos nas datas específicas das realizações da folia de Reis, um exemplo seria o período de jornada. O período de jornada ou “giro” seria o ciclo de apresentação das folias que se estende da meia noite do dia 24 de dezembro até o dia 6 de janeiro (dia dos Reis Magos). Mas no estado do Rio de Janeiro, os integrantes das folias de Reis são devotos do São Sebastião, santo padroeiro do estado, e como o dia do santo seria no dia vinte de janeiro, as jornadas se estendem até este dia. Nesse período os foliões percorrem bairros do município para visitar a casa de devotos, e no caso do mestre Fumaça, a casa de ex-integrantes de folias pertencentes a bandeiras que não existem mais. Nessas visitas os mestres entoam cantos ao som dos instrumentos, tocados pelos participantes do folguedo. Mostrando dessa forma que as ações destes foliões recriam e reproduzem a vida social, podemos aqui citar David Harvey: “Dessa perspectiva materialista, podemos afirmar que as concepções do tempo e do espaço são criadas

necessariamente através de práticas e processos materiais que servem à reprodução da vida social” (HARVEY, 2004, p. 189).

Essa reprodução da vida social é analisada pelos mais diversos intelectuais que tratam estes movimentos culturais como tradicionais, dando uma nova capa a esta manifestação. Recentemente foi lançado o livro do INEPAC¹⁷ (Instituto Estadual do Patrimônio Artístico e Cultural) sobre as folias na Região Metropolitana do Rio de Janeiro. Com definições sobre as folias e um grande acervo de fotos tiradas no dia 20 de janeiro de 2008, no Largo da Lapa, onde foi realizada o “Encontro de Folias de Reis da Região Metropolitana do Estado do Rio de Janeiro”, com a participação de trinta folias da região. Neste encontro estavam presentes as três folias de São Gonçalo, município entre as três¹⁸ cidades que tem mais folias entre os onze que estavam no evento.

Os cantos são as chamadas “profecias”, que fazem parte do *fundamento* da folia de Reis, que segundo Daniel Bitter:

“ O *fundamento*, por sua vez, constitui uma base permanente, percebida como imutável, permitindo que seja materializado de diversas maneiras, em diversos tempos e espaços. Sua difusão e transmissão entre os homens se dá por meio das palavras, dos gestos, dos cantos, da música etc.” (BITTER, 2010, p. 154).

É claro que o autor está se referindo diretamente ao *fundamento* contido na materialidade dos objetos rituais contidos na folia de Reis, pois essa seria a sua preocupação na produção deste livro. Mas é importante ressaltar o *fundamento*, pois nele estaria o exercício da memória praticada, não apenas pelos mestres e palhaços das folias¹⁹, seja com as profecias ou as chulas, mas também entre os foliões, praticantes, devotos dos santos reis e aqueles que recebem os foliões em sua residência.

Podemos compreender as profecias e as chulas como uma narrativa carregada de significados que possibilitam o desenvolvimento da identidade. Ao focarmos nos *fundamentos* podemos entender a importância de toda a estrutura utilizada para a construção da narrativa histórica, esta tem a função de criar um terreno propício para a formação da consciência histórica (RÜSSEN, 2007). Esta também está intimamente

¹⁷ COUTINHO, Delzimar do Nascimento; NOGUEIRA, Marcus Antônio Monteiro. *Folias de Reis Fluminenses: Peregrinos do Sagrado*. Rio de Janeiro: INEPAC. 2009.

¹⁸ O primeiro município seria o Rio de Janeiro com sete folias; o segundo lugar seria dividido entre Duque de Caxias e Nova Iguaçu com cinco folias; o terceiro seria dividido entre dois: Mesquita e São Gonçalo com três folias.

¹⁹ Os palhaços também exercem a função de transmissão dos *fundamentos* através de seus versos as chamadas chulas ou trovinhas

ligada ao processo de formação histórica do indivíduo. Essa formação seria o conjunto de competências necessárias para interpretação do mundo e de si próprio. Que: “... articula o máximo de orientação do agir com o máximo de autoconhecimento, possibilitando assim o máximo de auto-realização ou de reforço identitário” (RÜSSEN, 2007, p. 95).

Seguindo essa lógica entendemos o *fundamento* dentro das folias de Reis como portador da bagagem identitária necessária para ligar a narrativa histórica dos três reis magos com a experiência vivida pelos foliões, estendendo assim esta narrativa como orientação para a vida prática (RÜSSEN, 2007) de cada um dos que realizam esse folguedo.

O realizar das folias, seja no período de jornada ou no período de festas de arremates²⁰, seriam então esse exercício da memória. Exercício este feito pelos mestres ao entoar as profecias em forma de um canto triste, que traz a tona toda essa narrativa histórica que estaria ligada não só aos praticantes, mas também as pessoas que os recebem em suas casas, ou aos foliões que os recebem em seus terreiros nas festas do arremate, nos mostrando que esse exercício da memória é um ato de alteridade²¹. E que esse exercício teria todo um teor narrativo que gera não apenas a formulação, mas também a reformulação da identidade desse grupo de devoto dos santos reis.

Estas são as características da formação de uma comunidade, com suas identidades e ritos de memória, e, ao rememorar referir-se ao passado geram a imposição da repetição, caracterizando a invenção das tradições (Hobsbawm, 1997). Mas o interessante em ressaltar tal formação comunitária é que, mesmo em meio a um mundo globalizado focado no investimento de novas indústrias culturais impulsionados pelas tecnologias de informação, uma característica dessa pós-modernidade como a compressão do tempo-espço (Harvey, 2004), tem a organização de um grupo que não se organiza focando a geração de renda, mas sim pelo simples fato de atuar na sua prática de devoção. Muitas vezes essa atuação enfrenta a dura realidade de muitos foliões que acabam por estar à mercê de suas profissões, mas, mesmo assim, os

²⁰ Essas seriam festas organizadas pelos mestres ou donos das folias em forma de agradecimento pela realização das jornadas, nestas festas encontramos a possibilidade de encontros com as demais folias do estado. Essas festas não têm uma data específica, só os mestres que se organizam para não realizarem na mesma data da festa do arremate de outro mestre.

²¹ CATROGA, Fernando. *Memória, História e Historiografia*. Coimbra: Quarteto Editora, 2001. p17.

participantes adequam suas práticas religiosas com suas possibilidades. Muita das vezes a saída para as jornadas se limitam apenas um dia na semana, geralmente no domingo, pois muitos dos participantes trabalham até no sábado:

Só que o pessoal do interior, eles cantam reis, tipo assim, lá em minas tem pouco tempo eles saiam assim dia 24 de dezembro ai sai e vai embora, aonde eles param aqui, quem dá comida para, para os outros comerem, interior né. Mas nas cidades, por exemplo, o povo não pode fazer isso porque eles tem o compromisso de trabalhar, pois na cidade é... de segunda até sábado, até sexta a maioria tudo tem compromisso então as pessoas que gostam coitadas, e uma vez muitos né, não podem, um é motorista de ônibus, outro é vigia, outro trabalha de porteiro, como que eles podem cantar reis. Então, o nosso reis aqui é aproveitado por pessoas assim, aposentadas, pelas pessoas assim de menor e agente vai catando assim, aquelas pessoas que gostam que tenham condições de acompanhar, né. Então aonde que as pessoas vai, gosta e quer manter aquela responsabilidade, forma aquele grupo só que tem lugar as vezes que tem pessoas as vezes, vamos supor assim aqui em São Gonçalo por exemplo, nós tínhamos doze folias de reis, vindo de anos atrás, doze folias de reis.

O que nos mostra que não existe uma essência imutável nesta tradição na realização do giro ou jornada dos foliões. Podemos ver que estas tradições vão se desenvolvendo de acordo com o meio social. Seriam fatores como estes que possibilitariam os “hibridismos”, mas Stuart Hall nos alerta que este fenômeno não se referiria a indivíduos híbridos mas: “Trata-se de um processo de tradução cultural, agonístico uma vez que nunca se completa, mas que permanece em sua indecidibilidade” (HALL, 2003, p.71).

Com esse exemplo compreendemos a complexidade de dois fatores citados por Harvey:

“As ordenações simbólicas do espaço e do tempo fornecem uma estrutura para a experiência mediante a qual aprendemos quem ou o que somos na sociedade. “A razão pela qual a submissão aos ritmos coletivos é exigida com tato rigor”, escreve Bourdieu (1977, 163), “é o fato de as formas temporais ou estruturas espaciais estruturarem não somente a representação do mundo ou do grupo, mas o próprio grupo, que organiza a si mesmo de acordo com a representação”.” (HARVEY, 2004, p. 198)

Porém, este autor, novamente utilizando Bourdieu, menciona que: “Se as experiências espaciais e temporais são veículos primários da codificação e reprodução de relações sociais (como sugere Bourdieu), uma mudança no modo de representação daquelas quase certamente gera algum tipo de modificação nestas” (HARVEY, 2004, p. 225). Como é o caso de adequarem a realização das jornadas com a realidade de cada folião.

Isso sem mencionar as dificuldades que estes grupos passam mediante as suas realidades, pois: “... os próprios processos de produção da comunidade divergem notavelmente de acordo com as capacidades e interesses de grupo” (HARVEY, 2004, p. 190). Em muitos dos casos o grupo de foliões está intimamente ligada à figura do mestre, se este não se mobiliza para a organização de sua folia os demais do grupo perdem a sua motivação e o grupo se desfaz. Em mais um relato do mestre Fumaça podemos perceber isso:

Aquele dono morreu, mas tadinho u... filho que morreu... que ficou como mestre, já está com oitenta e tantos anos, tadinho já não tem mais condições de ta ai assim de fazer aquele trabalho de ajeitar as coisas, de procurar... em dia de festa procurar... as pessoas que ajudam época de giro você tem que ir na casa de fulano de bertrano, para arrumar um giro, para se arrumar do jeito que agente pode, mas você sabe né, chega um tempo né, que se acaba... e disse Jesus: tudo tem o seu tempo né, quer dizer o tempo de cada um vai se acabando. Eu por exemplo to ai ainda, to levando, mas um dia também vai acabar né. Os anos vaio passando, eu vou esgotando, vou acabando...

Pois, além das dificuldades de acesso entre as moradias dos foliões (no caso do mestre Fumaça que é morador do bairro Mutuá; o senhor Lombardino Vianna, morador do bairro da Engenhoca; o senhor Nélio dos Santos, morador do bairro do Rio do Ouro; Geraldo Martins, morador do bairro do Méier; Jorge Soares, morador do bairro do Mundel) que mesmo sendo moradores do mesmo município, que é o caso da maioria, teriam que pegar mais de uma condução, pelo fato dos bairros serem distantes do centro de São Gonçalo. Muitos dos foliões são de baixa renda, assim como o mestre Fumaça que é aposentado, mas que trabalha na ferira para complementar a sua renda mensal, alguns dos outros integrantes trabalham como trocadores de ônibus ou segurança de comércio. Todo este âmbito enquadra-se na dificuldade de manter uma folia de Reis, pois além do período das jornadas, que exige muito dos foliões, eles têm que se encontrarem todos os domingos para a realização da missão, que é a visita na casa dos devotos. Ou seja, esperar a chegada de cada folião, organizar a bateria, ajudar na passagem, oferecer algum alimento, muitos destes gastos recaem para o próprio dono da folia, que é muita das vezes o próprio mestre:

Ah muito difícil, isso é uma coisa muito difícil, muito suada, muito sacrificada, você vai em uma festa de reis que você vai saber do que se trata, vê o que as pessoas passam, ajudar um e outro e para você se movimentar ai par sair você tem que estar se movimentando e tem que contar com as pessoas que gostam e as vezes você marca dom dez, vem cinco. Você tem que estar preparado com o dinheirinho para pagar aquela condução. É uma coisa muito sacrificada, meu

filho. Muito sacrificada, e hoje nesse tempo que nós estamos passando nesse povo de hoje, ta ficando cada vez mais sacrificado o centro espírita reclama, tem suas contas para pagar...

(In) Conclusão

Como podemos ver a realização destes folguedos nos dias atuais se revelam como a manutenção de uma comunidade de migrantes que, através desses ritos identitários realizados repetidas vezes no mesmo período, no caso da folia de Reis no período das jornadas, dão uma idéia de tradição (Hobsbawm, 1997). Essas práticas se revelam como exercício da memória e que geram a carga identitária da folia e a sensação de pertencimento desta comunidade (Catroga, 2001).

Com o acompanhamento deste trabalho vimos que muitas das histórias dos demais mestres da folia de Reis em São Gonçalo se aproximam no ponto em que esses folguedos são realizados como pagamento de promessas e devoção aos santos Reis²², seja na realização dos folguedos, seja no recebimento da bandeira nas casas visitadas. A idéia de dar continuidade a missão enviada dos santos não significa ter que realizar as jornadas de maneira ortodoxa, como por exemplo: sair todos os finais de semana neste período, que como vimos, ficaria inviável para alguns participantes. Dessa forma, podemos entender que muitas dessas culturas populares podem se hibridizar de acordo com seus participantes, não havendo uma lei rígida, e que, por mais tradicionais que sejam os mestres, o difícil ato de organizar uma folia de Reis está a mercê da realidade dos foliões, como o exemplo dado das profissões que ocupam o sábado de alguns integrantes.

“... O fato é que nem os indivíduos enquanto entidades livres nem sem amarras nem as comunidades enquanto entidades solidárias ocupam por inteiro o espaço social. Cada qual é constituída na relação com aquilo que é outro ou diferente dela própria (ou através dessa relação)” (HALL, 2003, p 85).

Sendo assim podemos compreender que com realização de tais manifestações ocorridas em vários bairros do município de São Gonçalo, fizeram com que estes festejos religiosos modificassem a realidade social da cidade, se mostrando como Harvey define: “Essas representações espaciais são “tanto um produto como produtor”

²² COUTINHO, *opus cit.* p.13

(HARVEY, 2004, p. 199). Alcançando o título de festa tradicional do município e tendo a criação da Associação de Irmandade dos Reis de São Gonçalo, fundada em 14 de maio de 1991, no bairro Almerinda, o responsável: mestre Waldecy Marcelino.

Fontes:

As duas entrevistas concedidas pelo mestre da Folia de reis Nova Flor do Oriente: José Antônio da Silva – Mestre Fumaça. Primeira entrevista gravada no dia 07/04/2010 as 19:30 horas, a segunda foi gravada dia 04/06/2010 as 19:50 horas.

Algumas entrevistas dadas pelos integrantes da folia antes da jornada do dia 2 de janeiro de 2011. Concedidas pelos foliões: O senhor Lombardino Vianna; o senhor Nélio dos Santos Bilac; o senhor Geraldo da Silva; o senhor Niraldo Martins e o senhor Jorge Soares Máximo, este responsável pela sanfona. Os demais integrantes não tem um instrumento específico pelo fato de serem de percussão, mas a sanfona é reservada ao senhor Jorge pois ele é o único que sabe tocar.

Catálogo do INEPAC (INSTITUTO ESTADUAL DO PATRIMÔNIO CULTURAL)

A Lei nº 1989 de 23/04/92 isenta os grupos de Folias de Reis da obrigatoriedade da licença especial expedida pelas Delegacias de Policia.

Em 13/01/2005, A Lei nº 4509 passa a vigorar com a seguinte redação em seu Art. 1º

Art. 1º -Ficam os grupos de Folias de Reis expressão de cultura popular das mais significativas do Estado do Rio de Janeiro, isentos da obrigatoriedade da "Licença Especial" expedida pelas Delegacias de policia, desde que organizados em associação, sem fins lucrativos e com objetivo de preservação, conservação e incentivo ao folclore brasileiro".

Prova de seleção do magistério de 2007 realizada pela Fundação Ceperj (Fundação Centro Estadual de Estatísticas, Pesquisas e Formação de Servidores Públicos do Rio de Janeiro) prova de docente I:

http://www.ceperj.proderj.rj.gov.br/concursos/saogoncalo/Docente%20I_comum.pdf

ALVARENGA, Luís. *Todo dia é dia de Reis*. Rio de Janeiro: O Globo, 25 de setembro de 2007.

Bibliografia

ABREU, Martha. *O império do Divino: festas religiosas e cultura popular no Rio de Janeiro, 1830-1900*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, São Paulo: FAPESP, 1999.

ABREU, Marta. *Festas Religiosas no Rio De Janeiro: perspectivas de controle e tolerância no século XIX*. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 7, n. 14, 1994, p.183-203. Disponível em: www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/154.pdf. Acessado em 15/03/2007.

- BAKHTIN, Mikhail. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. São Paulo: Editora Hucitec; Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1993.
- BITTER, Daniel. *A Bandeira e a Mascara: A circulação de objetos rituais nas folias de reis*. Rio de Janeiro: 7 Letras; Iphan/ CNFCP, 2010
- BRAUDEL, Fernand. “História e Ciências Sociais. A longa duração”. In: *Escritos sobre a História*. 2ª. ed. São Paulo: Perspectiva, 1992.
- BURKE, Peter. *O que é História cultural*. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar. 2005
- CARDOSO, Ciro F.S. e VAINFAS, R. *Domínios da História*. Rio de Janeiro:Campus, 1997.
- CATROGA, Fernando. *Memória, História e Historiografia*. Coimbra: Quarteto Editora, 2001.
- COUTINHO, Delzimar do Nascimento; NOGUEIRA, Marcus Antônio Monteiro. *Folias de Reis Fluminenses: Peregrinos do Sagrado*. Rio de Janeiro: INEPAC. 2009.
- FRADE, Cássia. *FOLCLORE*. São Paulo: Global, 1997. (coleção para entender)
- GINSBURG, Carlo. *O queijo e os vermes*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006
- GOMES, Tiago de Melo. *Para além da casa de tia Ciata: outras experiências no universo*. Revista Afro-Ásia n°: 29-39 (2003)
- HALL, Stuart. A questão multicultural in HALL, Stuart. In: HALL, Stuart *Da diáspora. Identidades e Mediações Culturais*. Belo Horizonte, Ed. UFMG, 2003.
- HARVEY, David. A experiência do espaço e do tempo. In: HARVEY, David. *Condição pós-moderna*. São Paulo: Edições Loyola, 2004.
- HEYWOOD, Linda. (Org.) *Diáspora Negra no Brasil*. São Paulo: Editora Contexto, 2008.
- HOBBSBAWN, Eric. & RANGER, Terence. *A Invenção das Tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997
- KARASH, Mary. *A vida dos escravos no Rio de Janeiro (1808-1850)*, São Paulo, Companhia das Letras, 2000.
- RIOS, Sebastião. *Os cantos da Festa do Reinado de Nossa Senhora do Rosário e da Folia de Reis*. Sociedade e Cultura, v. 9, n. 1, jan./jun. 2006. Pp. 65-76
- SANTOS, Milton. *A Natureza do Espaço: técnica e tempo / razão e emoção*, capítulo 2 "O Espaço: sistemas de objeto, sistemas de ação" e capítulo 3 "O espaço geográfico, um híbrido". São Paulo: Hucitec, 1996.
- THOMPSON, E. P. *Costumes em comum*. São Paulo: Cia das Letras, 1998
- THOMPSON, E. P. “Folclore, antropologia e história social”. In: *As peculiaridades dos ingleses e outros artigos*. Campinas: Editora da Unicamp, 2001, pp. 227-267.
- VILHENA, Luís Rodolfo e CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. 1990. “Traçando fronteiras: Florestan Fernandes e a marginalização do folclore”. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 3, n. 5. p. 75- 92